



v. 8, n. 3: Memória e patrimônio cultural: espaços e práticas de difusão na contemporaneidade – 2019 – ISSN 2316-395X

Narrativas literárias e referências de tempo e espaço em paisagens representativas do imaginário coletivo

Literary narrations and time and space references in representative landscapes of the collective imagery

Narrativas literarias y referencias de tiempo y espacio en paisajes representativos de la imaginería colectiva

Regina Maria Martins de Araujo Klein¹
Letícia Peret Antunes Hardt²
Carlos Hardt³

¹ Doutora e mestra em Gestão Urbana pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), especialista em Arquitetura da Paisagem pela PUCPR, arquiteta e urbanista pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora assistente do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUCPR.

² Doutora e mestra em Engenharia Florestal (Conservação da Natureza / Paisagem Urbana) pela UFPR, especialista em Arquitetura da Paisagem pela Universidade de São Paulo (USP) e pela PUCPR, arquiteta e urbanista pela UFPR. Professora titular e ex-coordenadora adjunta do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUCPR e professora aposentada do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR.

³ Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento (Metrópole) pela UFPR, especialista em Coleta e Tratamento Científico de Informações pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes), em Arquitetura da Paisagem pela PUCPR, em Gestão Técnica do Meio Urbano pela PUCPR e pela Université de Technologie de Compiègne (UTC, França), arquiteto e urbanista pela UFPR. Professor titular e ex-coordenador do curso de Arquitetura e Urbanismo da PUCPR.

Recebido em: 18/8/2019
Aceito para publicação em: 25/10/2019

Resumo: Diante da interpretação da cidade como imagem de ações da sociedade e considerando a necessidade de compreensão do imaginário humano para a construção de identidades individuais e grupais, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar o contexto em que a paisagem urbana tem sido referenciada no tempo e no espaço pela memória coletiva, adotando narrativas literárias de Manhattan (Nova York, Estados Unidos) como estudo de caso. Com base em postulados teóricos sobre os temas centrais de investigação, os procedimentos metodológicos foram fundamentados em um recorte amostral de 99 narrações de publicações no intervalo temporal de 196 anos, sistematizadas pela sua localização em mapa específico daquele distrito administrativo para identificação da frequência de citação por tipologia de elemento urbanístico (caminhos, limites, regiões, pontos nodais e marcos) e de ordenamento no tempo (horizontal: continuidade; vertical: especificidade). A análise dos resultados aponta, de forma intrínseca, para a legibilidade da região estudada, com especial destaque para vias públicas e, de maneira genérica, para a necessidade de aprofundamento dos estudos para a devida estruturação de subsídios aos processos de planejamento de paisagens urbanas.

Palavras-chave: memória; identidade; planejamento; gestão; Manhattan; Nova York; Estados Unidos.

Abstract: Considering the interpretation of the city as a society actions image and with respect to the necessity of comprehension of the human imagery for the construction of individual and collective identities, the main objective of the research aims at analyzing the context in which the urban landscape has been referenced over time and space by collective memory, embracing literary narrations from Manhattan, New York, United States, as a case study. Based on theoretical postulate on central research subjects, the methodological procedures consist of a sample of 99 narratives published over 196 years, organized by its specific location on a map of the administrative study area, in order to identify the quotation frequency according to different urban typologies (paths, edges, districts, nodes and landmarks) and planning over time (horizontal / continuity – and vertical / specificity). The analysis of the results indicates, intrinsically, the legibility of the studied area, with special emphasis on public pathways, as well as the necessity of further studies for the proper structuring of subsidies to the urban landscape planning processes.

Keywords: memory; identity; planning; management; Manhattan; New York; United States.

Resumen: Ante la interpretación de la ciudad como una imagen de las acciones de la sociedad y considerando la necesidad de comprender el imaginario humano para la construcción de identidades individuales y grupales, el objetivo general de la investigación es analizar el contexto en que el paisaje urbano ha sido referenciado en el tiempo y espacio para la memoria colectiva, adoptando narraciones literarias de Manhattan, Nueva York, Estados Unidos, como estudio de caso. Desde postulados teóricos sobre los temas centrales de investigación, los procedimientos metodológicos se basaron en un recorte por muestreo de 99 narraciones de publicaciones en el período de 196 años, sistematizadas por su ubicación en un mapa específico de ese distrito administrativo para identificar la frecuencia de citas por tipología de elemento urbanístico (camino, límites, regiones, nudos y puntos de referencia) y por ordenamiento en el tiempo (horizontal / continuidad – y vertical / especificidad).

El análisis de los resultados apunta, intrínsecamente, a la legibilidad de la región estudiada, con especial énfasis en las vías públicas y, en general, a la necesidad de más estudios para la estructuración adecuada de los subsidios a los procesos de planificación de paisajes.

Palabras clave: memoria; identidad; planificación; gestión; Manhattan; Nueva York; Estados Unidos.

PONDERAÇÕES INICIAIS

Incorporando contextos históricos de várias gerações de cidadãos, as paisagens urbanas são formadas por múltiplas camadas sobrepostas no tempo (HARDT; HARDT, 2007). Memorizadas tanto por intermédio de elementos – naturais e construídos – de diferentes épocas da cidade quanto por meio de narrativas de vida dos seus transeuntes (ARAUJO, 2013), essas condições configuram conexões transtemporais aos cenários urbanizados (SANTOS, 2008; YÁZIGI, 2001).

A interpretação de cada indivíduo sobre o relato histórico de uma paisagem é condicionada por seus próprios processos cognitivos (HARDT, 2000, 2004). Estes, por sua vez, são fundamentados em referências coletivas do grupo social específico (HALBWACHS, 2013).

Quando não presentes na memória coletiva, as paisagens urbanas podem ser interpretadas como espaços que não refletem – ou deixaram de refletir – valores da sociedade. Como resultados da dinâmica relação entre homem e ambiente, compreendem panoramas em constante transformação [...] (ARAUJO, 2013, p. 7).

Nora (2008) lembra que os processos acelerados impostos pela modernidade e pela pós-modernidade têm promovido rupturas com o passado, e a memória resta sem endereço para assimilação dos signos urbanísticos. Nessa perspectiva, a problemática da pesquisa é vinculada à constatação da necessidade de implementar diretrizes de planejamento e gestão que promovam a ambiência urbana como conjuntura de corporificação da lembrança identitária dos cidadãos.

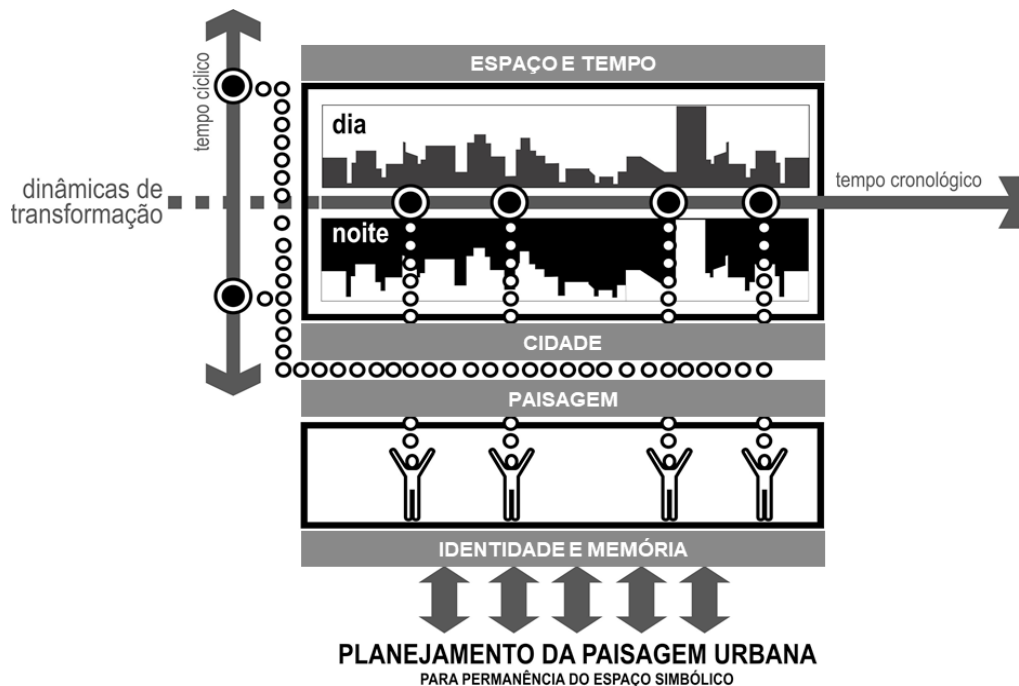
Assmann (2011) atesta a inexistência de memória quando não há endereçamento a um espaço, ressaltando o imperativo da promoção de imagens paisagísticas como elos históricos, com transmissão de significados de uma geração para outra. Assim, o estudo é justificado diante da relevância dos processos de planejamento e gestão de cidades para a permanência de paisagens representativas de lembranças coletivas ao longo do tempo e na transição entre ciclos naturais – diários ou sazonais –, promovendo a interação comunitária (ASSMANN, 2011; FORTUNA, 1998; HARDT; HARDT; HARDT, 2017; ROIZENBLATT, 2009).

Diante das considerações anteriores, o objetivo geral deste estudo consiste em analisar o contexto em que a paisagem urbana tem sido referenciada no tempo e no espaço pela memória coletiva, adotando narrativas literárias de Manhattan (Nova York, Estados Unidos) como estudo de caso. Considerando os fatos de que os autores das obras de literatura escolheram endereços reais como cenários de ficção e que as condições paisagísticas narradas são compartilhadas pelo imaginário coletivo dos leitores, entende-se que as cenas urbanísticas selecionadas inspiram lugares de memória.

POSTULADOS TEÓRICOS

Com base na relação entre conceitos de tempo e espaço, de paisagem e cidade e de identidade e memória (figura 1), as dinâmicas de transformação urbanística foram interpretadas a fim de estabelecer subsídios ao processo de planejamento e gestão de cenários urbanos para a permanência de lugares simbólicos.

Figura 1 – Representação esquemática de estruturação dos postulados teóricos da pesquisa



Fonte: Adaptada de Araujo (2013)

Espaço no tempo e tempo no espaço

Restrito ao âmbito arquitetônico, Giedion (2004) expõe três concepções de espaço: como resultante da interação de volumes, como integrante do conceito de internalidades e como componente de perspectivas de cenas, incorporando o movimento como elemento indissociável desse conjunto. Para Hardt (2004), em qualquer uma dessas abordagens, o espaço envolve constantemente o homem, permitindo-lhe visualizações de linhas, formas, volumes, texturas, cores e luzes, por exemplo, bem como percepções sensoriais inerentes a outros sentidos humanos, como audição (e.g.: sons de veículos automotores em vias públicas), tato (e.g.: irregularidades de pisos em calçadas), olfato (e.g.: odores emanados de plantas) e até mesmo paladar (e.g.: sensação de gustação relacionada a determinados aromas). A qualidade desses elementos depende da apreensão dos limites espaciais (CHING, 2014).

Ampliando o conceito de espaço para a visão geográfica, Santos (2008) o decifra como a síntese de condições sociais e de formas espaciais, em um complexo sistema de fixos e fluxos. Gadens (2014, p. 19) explica que

os primeiros permitem ações que modificam o próprio local e os segundos criam ou recriam condições ambientais e sociais, redefinindo cada lugar. Assim, os fluxos resultam, direta ou indiretamente, das ações e se instalam nos fixos, modificando seu valor ao mesmo tempo em que se modificam.

Sob enfoque semelhante, Gomes (2002) define como principais características espaciais: a extensão dos componentes concretos; a dialética entre elementos construídos e práticas sociais; a lógica dessas disposições e relações. Ampliando essa conjuntura analítica, Lefebvre (2006) propõe uma tríade para a concepção de espaço: físico – percebido pela realidade da sociedade; mental – idealizado por interpretações; vivido – formado pela interação das duas primeiras dimensões, à qual são atribuídos simbolismos.

Em uma classificação hierárquica, Santos (1996) diferencia o lugar como um subsistema espacial, de dimensões variáveis, delimitado pelo tempo empirizado e pela entidade geográfica como condição precípua de espacialização prática de solidariedade. No mesmo sentido, Tuan (2013) o define como resultante do espaço de experiências. Relph (2008) também lhe atribui o significado de raízes e segurança, mediante variados tipos de experimentação social e de envolvimento espacial.

Para Rykwert (2000) e Santos (1996), a condição temporal influencia sobremaneira a experiência vivencial do espaço. A relação entre ambos pode ser analisada com base nos conceitos de tempo físico e filosófico. O primeiro é definido por Reis (2008) como o número de movimentos naturais (posições espaciais que o corpo assume durante a sua trajetória), sendo caracterizado por medidas, quantidades, abstrações, reversibilidades, homogeneidades e extensões. Assim, não há diferenciação entre presente ou passado; o corpo do início do movimento é o mesmo do final. O segundo conceito, de tempo filosófico, é resultado de um processo de vivência consciente, sendo particularizado por incomensurabilidades, qualidades, irreversibilidades, sucessividades, intensidades e instantaneidades. Ao contrário do anterior, o corpo do início altera-se para o do fim, por meio da evolução temporal (REIS, 2008).

Vale ressaltar que nos dois conceitos é indissociável a interação entre condições temporais e espaciais, sendo estas, simultaneamente, referências de posição e lugar de vivência. Para Castells (2009, p. 500), “espaço é tempo cristalizado”, absorvendo as constantes transformações da sociedade e resultando em novas formas e processos espaciais, com consequentes produtos paisagísticos.

Paisagem da cidade e cidade na paisagem

Segundo Maximiano (2004), a noção de paisagem está presente na memória do ser humano antes mesmo da elaboração do conceito. Registrada por meio das artes, principalmente a pintura, compreende a representação de sensações e recordações associadas a um lugar.

Hardt e Hardt (2007) afirmam que sua interpretação tem sofrido marcantes modificações ao longo do tempo, sendo qualificada pelo processo histórico como produto das atividades transformadoras do homem nas condições naturais originais, refletindo situações econômicas, políticas e culturais. De forma genérica, Hardt (2000, p. 15) conceitua paisagem como

[...] combinação de elementos naturais (físico-químicos e biológicos) e antrópicos, inter-relacionados e interdependentes que, em determinado tempo, espaço e momento social, formam um conjunto único e indissociável, em equilíbrio ou não, e em permanente evolução, promovendo percepções mentais e sensações estéticas como um ecossistema visto.

Nessa mesma ótica, Macedo (2010) a considera como resultante espacial da transformação do ambiente no tempo. Como expressão morfológica, sua leitura está associada à percepção de um observador, dentro de um campo visual finito. No entendimento de Yázigi (2001), a paisagem urbana já é parte da história, conformando o registro de modos de vida e representando alternativas do conhecimento comum, sob a forma de referências identitárias e memoriais.

Identidade da memória e memória da identidade

Maluf (2008) esclarece que o homem cria vínculos com o lugar, estabelecendo suas referências espaciais comuns e criando suas identidades, histórias e memórias. Entendendo a cidade como espaço cumulativo de signos, ou seja, de elementos concretos representativos de outros objetos com valor social, Santaella (2005) destaca suas propriedades de contextualização e qualificação do ambiente para a produção de identidade – material e imaterial.

Para Hall (2006), invariavelmente as identidades permanecem incompletas, em continuada formação. De maneira complementar, Candau (2011) afirma que fazer história é dar fisionomias a datas e a acontecimentos significativos do ponto de vista identitário de cada pessoa. Nesse panorama, destaca que a memória constitui o resgate de marcos temporais.

Conforme Brandão, Carrelo e Águas (2002, p. 35), “os locais memoráveis são aqueles que traduzem uma interação equilibrada entre o homem e o meio, ostentando uma identidade singular que as pessoas reconhecem facilmente”. Em âmbito similar, para Candau (2011), Maluf (2008) e Yázigi (2001) a paisagem urbana pode ser entendida como representação da memória coletiva.

Com visões semelhantes, Halbwachs (2013) e Maluf (2008) entendem que grupos sociais transformam, ao longo do tempo, seus espaços e lugares à sua imagem. Esse processo é apresentado como explicação para paisagens urbanas desempenharem papéis relevantes na identidade e na memória coletiva.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com fundamento no recorte temático conformado pelas teorias e conceitos expostos anteriormente e considerando a arte como uma das formas de representação paisagística, as narrativas de literatura foram selecionadas como referência do imaginário coletivo, por destacarem, das cenas urbanas, os elementos que identificam pessoas que compartilham a memória de uma mesma cidade e se reconhecem nos marcos temporais da história contada. Assim, o estudo foi desenvolvido com base em recortes metodológicos, relacionados ao espaço geográfico, ao período temporal, à amostragem narrativa e aos critérios analíticos, adiante detalhados.

No que se refere ao recorte espacial, a cidade de Nova York (Estados Unidos) foi selecionada como área de estudo tanto por ser citada por vários autores – entre os quais se destaca Harvey (2012) – como berço de acontecimentos característicos da pós-modernidade quanto por constituir cenário de vasta literatura, escrita por autores de diferentes nacionalidades (SOUSA, 2009). Nessa delimitação, foi selecionado, em razão da disponibilidade de narrativas literárias, o distrito administrativo de Manhattan, o qual abriga mais de 1,6 milhão de habitantes em uma área de cerca de 87 km² (USCB, 2018).

Em termos de recorte temporal, as análises foram realizadas de forma comparativa para intervalos de século, com destaque para a década de 1970 como referência de comparação entre as narrativas, tendo em vista que Harvey (2012) ressalta o ano de 1972 como marco de significativas mudanças das práticas culturais, políticas e econômicas, associando-as à emergência de novas maneiras de experimentação do tempo e do espaço, marcando a transição entre modernidade e pós-modernidade.

No conjunto do recorte amostral, analisaram-se as 99 narrativas postadas até o ano de 2005 no chamado *Mapa literário de Manhattan*, disponível *on-line* na página virtual da revista *New York Times* (NYT, 2005), em sua seção de *book review*, com vistas à associação com o trabalho de Cohen (2005). Os topônimos mapeados foram considerados uma amostra relevante de paisagens memorativas por terem sido selecionados como cenários de literatura e terem despertado o reconhecimento espacial dos leitores. Seu mapeamento foi idealizado pelo escritor Randy Cohen, auxiliado por Nigel Holmes, e disponibilizado no *site* do periódico em 2005 (figura 2).

Figura 2 – Representação esquemática de extrato do *Mapa literário de Manhattan*



Fonte: Cohen (2005)

Quando do lançamento do mapa, seus idealizadores realizaram um anúncio de convite aos leitores para espacializar os endereços de personagens ou cenas relatadas em romances, poemas, novelas e outras obras literárias, sem exigência de precisão de coordenada geográfica. Assim, foram permitidas localizações aproximadas com base na dedução do leitor e em seu conhecimento acerca da cidade. As obras mapeadas não foram repetidas, sendo postadas com indicação de autor, nome da publicação e com destaque para o parágrafo endereçado. As datas de publicação dos textos variaram entre 1809 e 2005, sendo seus autores de diferentes nacionalidades, predominantemente americanos. Nasceram no período entre 1783 e 1974, com 40% vivos à época daquela pesquisa.

Em um recorte analítico, as informações obtidas foram sistematizadas em um banco de dados por meio do *software* Excel (quadro 1), classificados em sete colunas, com identificação de: localização cartográfica; ano de publicação; título e autor da obra; período de vida do autor; e referências de tempo e de espaço – com base no parágrafo do livro postado e endereçado pelos leitores.

Quadro 1 – Recorte do banco de dados de sistematização das narrativas consideradas no âmbito do *Mapa literário de Manhattan*

ID	ANO	OBRA	AUTOR	PERÍODO		TEMPO	ESPAÇO	REFERÊNCIA
1	1809	A History of New York	Washington Irving	1783	1859	Noite	Broadway	Rio
2	1942	The Little Red Lighthouse	Hildegarde Swift	1890	1977	Noite	Ponte George Washington	Estrelas
3	1988	Tar Beach	Faith Ringgold	1930	-	-	Ponte George Washington	Cores e Rio
4	-	Screeno: Stories & Poems	Delmore Schwartz	1913	1966	-	845 West 163 rd Street	-
5	1992	Jazz	Toni Morrison	1931	-	-	135th street	Rua
6	1949	Theme For English B	Langston Hughes	1902	1967	-	135th street	Endereço
7	1959	The Real Kool Killers	Chester Himes	1909	1984	Noite - Outubro	29th Street - Lenox Avenue	Cores
8	1953	The Outsider	Richard Wright	1908	1960	-	123rd Street	-
9	1952	Invisible Man	Ralph Ellison	1914	1994	8hs da noite	16th Street - Lenox Avenue	-
10	1999	Empress of Splendid Season	Oscar Hijuelos	1951	-	Passagem - Meses	23rd Street - Lenox Avenue	-

Fonte: Elaborado com base em NYT (2005)

Como parâmetros temporais, consideraram-se quaisquer indicações que permitissem situar a narrativa na linha do tempo, conforme a seguinte ordem quádrupla de Eddington (2013):

- a) à direita e à esquerda – ano, estação sazonal, mês e dia da semana (evolução horizontal);
- b) adiante e atrás, em cima e embaixo, antes e depois – horário e período (dia ou noite) (evolução vertical).

Como parâmetros espaciais, levaram-se em conta os elementos classificados por Lynch (2011) como estruturantes da imagem da cidade:

- a) caminhos, correspondentes a canais de circulação;
- b) limites, interpretados como fronteiras de continuidade espacial;
- c) bairros, entendidos como regiões urbanísticas homogêneas;
- d) pontos nodais, compreendidos como convergências de passagens;
- e) marcos, depreendidos como elementos diferenciados do entorno e estimulantes do senso de localização e do sentido de direção.

Para o autor, esses indicadores permitem o entendimento dos graus de imaginabilidade e de legibilidade da cidade. Nesse contexto, aumentam a probabilidade de construção de imagens mentais e de visibilidades, com reflexos imediatos sobre a compreensão de identidade, estrutura e significado.

[...] a identidade é a definição dada à primeira imagem viável de um objeto que o diferencia dos demais e gera seu conhecimento [na estrutura da cidade]. [...] Além da identidade, a imagem deve estabelecer uma relação espacial ou pragmática do objeto com o observador. E, por fim, o objeto deve conter algum significado para o observador, tanto prático como emocional (LEITE, 2009, p. 71).

Analisaram-se os dados de forma estatística, sendo identificados os elementos mais frequentes nas referências espaciais e a sua organização na linha de tempo. As informações temporais foram avaliadas quanto ao número de ocorrências e qualificadas para indicação de ordem ao longo do tempo.

RESULTADOS ANALÍTICOS

Os leitores que fizeram parte da amostra do *Mapa literário de Manhattan* indicaram os caminhos como imagem mais significativa da cidade; 77% das postagens apontaram parágrafos que continham, como referência de localização, o nome de uma via pública. Essa é uma tendência apontada por Lamas (2014), que caracteriza os eixos viários como estruturadores do traçado urbanístico e como um dos elementos mais claramente identificáveis em uma cidade, constituindo lugar de acessibilidade e permeabilidade (OLIVEIRA, 1992). Araujo (2013, p. 188) também diagnostica que “a intensidade de memória dos trechos da rua simbólica está diretamente conectada à presença e representatividade de seus componentes referenciais”.

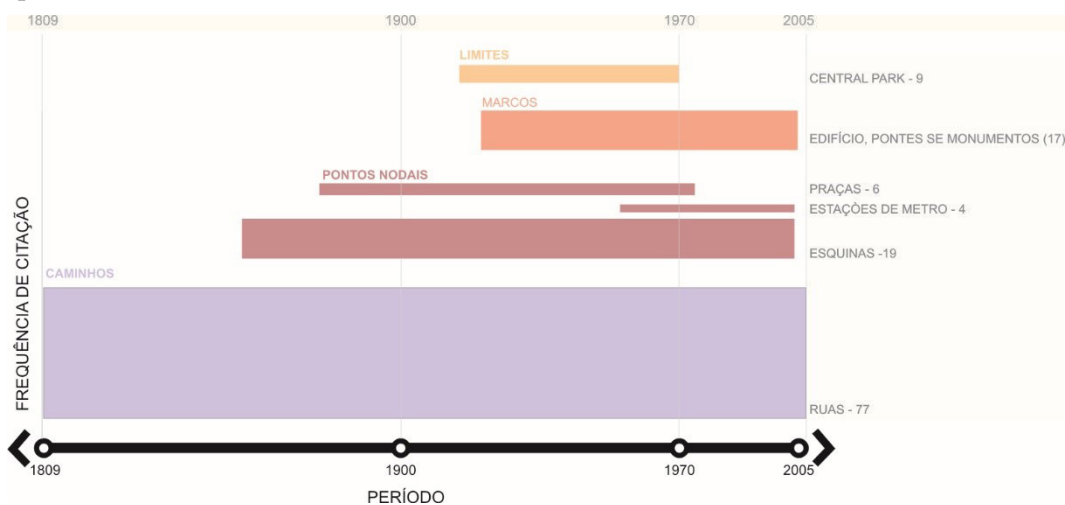
Os pontos nodais ocuparam o segundo posto como elementos de maior referência dos leitores, sendo caracterizados principalmente por esquinas. Nas 77 vezes em que as ruas foram citadas, 19 vezes (25%) foram especificadas como esse tipo de encontro de vias. Outras menções de maior ocorrência foram as praças (especialmente Washington, Sheridan e Tompkins) e as estações de metrô (Greyhound, Washington, Grand Central e Park Avenue). Leite (2009) justifica que esses tipos de nós podem constituir símbolos, pela irradiação e concentração de fatos.

Por outro lado, o Central Park foi a principal referência de limites, enquanto bairros, distritos e regiões não foram indicados, principalmente por restrições da técnica de localização no mapa. Vale citar que divisas, por vezes percebidas como fronteiras pelo observador, podem constituir barreiras mais ou menos penetráveis, como no caso do parque citado, constituindo relevante característica organizacional perante a possibilidade de determinação de unidade para áreas diversificadas (LEITE; ANJOS, 2010).

Os marcos, representados por edificações, pontes, monumentos e similares, foram evidenciados 17 vezes (17%), da perspectiva da rua, praça ou parque. A principal escultura citada foi o leão posicionado na entrada da Public Library, na esquina da 5th Avenue com a 42nd Street, seguido de ícones de guerra. Os edifícios mais recorrentes foram Empire State, Plaza, Academy of Music e Rockefeller Center. Panerai (2006) esclarece que essas referências são, em geral, elementos construídos com formas peculiares e facilitadoras da sua identificação, assumindo múltiplas tipologias no meio urbanizado.

Em relação à evolução das citações dos elementos em conformidade com o ano de publicação da obra, percebe-se que, quanto maior a frequência de citação de determinado componente, maior a sua permanência na linha do tempo (figura 3).

Figura 3 – Gráfico de frequência de elementos do Mapa literário de Manhattan conforme linha do tempo do tempo



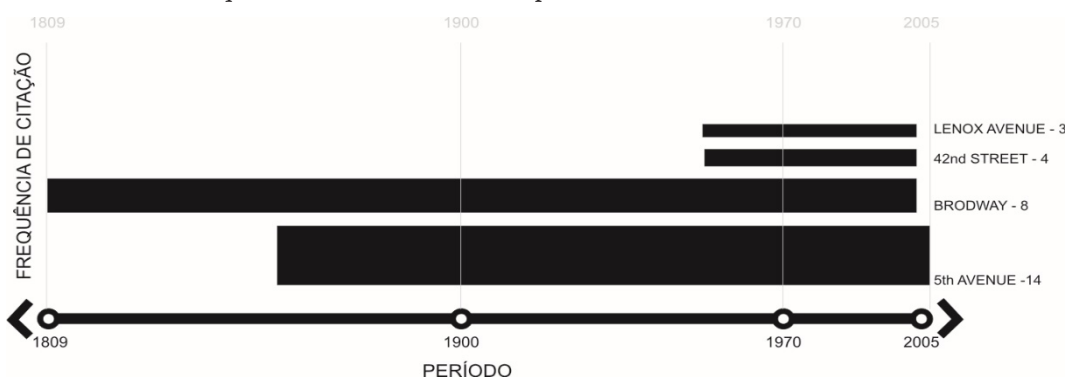
Fonte: Elaborada com base em Cohen (2005)

Assim, as ruas permaneceram como citações contínuas para o intervalo de publicação, com os pontos nodais sendo mais frequentemente indicados a partir de 1868, enquanto os marcos e os limites tiveram início de designação na década de 1920, com estes últimos deixando de ser especificados após 1970. Novamente, constata-se a prevalência da via pública como estruturante da conformação da cidade (LAMAS, 2014) e da sua memória.

Considerando a frequência com que os caminhos foram referenciados, optou-se por apresentar uma análise particular desse elemento. Aqueles citados mais de duas vezes somam 37% das 77 citações que endereçaram ruas ou avenidas, residindo os apontamentos especialmente na 5th Avenue, na Broadway, na 42nd Street e na Lenox Avenue.

Cabe esclarecer, porém, que nessa interpretação a proporção entre frequência de citação e permanência no tempo não é totalmente verdadeira. A 5th Avenue, que foi o caminho mais citado, só apareceu nas publicações a partir de 1868, enquanto a Broadway, segunda referência, permaneceu em todo o intervalo temporal analisado. As demais vias passaram a ser indicadas a partir de 1960 (figura 4).

Figura 4 – Gráfico de frequência de caminhos do Mapa literário de Manhattan conforme linha do tempo

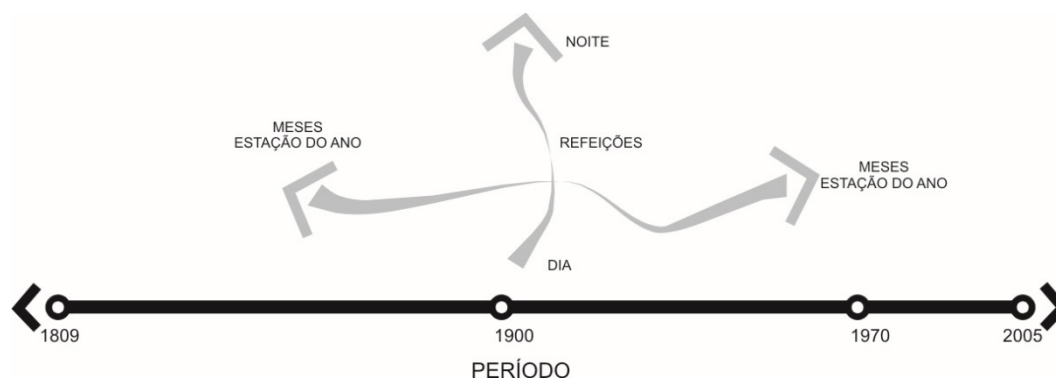


Fonte: Elaborada com base em Cohen (2005)

Dos 99 parágrafos selecionados pelos leitores, 29 (30%) fizeram referência de tempo. A mais frequente foi a vertical, indicando o período da noite. O diurno só apareceu uma vez, relacionado à refeição do café da manhã.

Os meses são os principais parâmetros de deslocamento horizontal na linha do tempo, seguidos das estações do ano, sendo a primavera a mais citada, nominalmente ou com indicação de florescências da vegetação. O outono também foi mencionado, uma vez de forma nominal e outra pela queda de folhas. A neve também foi utilizada como referência de inverno (figura 5).

Figura 5 – Gráfico de elementos do *Mapa literário de Manhattan* indicativos de ordem temporal



Fonte: Elaborada com base em Cohen (2005)

Hardt (2000) adverte sobre a influência de efeitos sazonais, como floração, frutificação e caducifoliedade, por exemplo, no processo perceptual de paisagens. A autora destaca, ainda, que essas condições interferem de maneira decisiva nos filtros biológicos e cognitivos do observador.

Analisando citações pela linha do tempo das publicações (figura 6), diagnostica-se que os elementos citados acompanharam a própria evolução da urbanização. Até 1900, destacaram-se os rios que circundam Manhattan, a 5th Avenue e o Central Park.

Figura 6 – Gráfico de evolução das narrativas do *Mapa literário de Manhattan* conforme linha do tempo



Fonte: Elaborada com base em Cohen (2005)

No século XX, a verticalização já foi mencionada, assim como os monumentos históricos. Na divisão da década de 1970, as atividades características das vias passaram a ser evidenciadas em descrições peculiares ao movimento desses corredores de circulação: cafés, armazéns, livrarias e restaurantes, entre outras. Nessas circunstâncias, vale relembrar o pressuposto indicado por Hardt e Hardt (2007) de que a paisagem urbana é consequência de vários tempos vividos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que suficientes para a análise pretendida, os postulados teóricos, em termos gerais, ainda carecem de investigações para maior aprofundamento do conhecimento – abstrato e empírico – acerca das relações entre espaço e tempo na paisagem urbana, com vistas à permanência de identidades na memória coletiva dos cidadãos. Por sua vez, os procedimentos metodológicos adotados foram suficientes para avaliar a predominância de

frequência significativa de alguns elementos sobre outros. Todavia recomenda-se a expansão dos recortes espacial e temporal para outros espaços geográficos e interstícios de tempo no intuito de possibilitar a comparação com novas realidades. Nessa direção, sugere-se também a ampliação dos recortes amostrais e analíticos do próprio estudo de caso, visando a maior consistência estatística dos resultados, bem como sua aferição por outras opções de análise.

Nesse sentido, entende-se que existem limitações da amostra utilizada, principalmente pelo curto trecho de narrativas, indicando poucas características do lugar. Apesar da abrangência do intervalo de publicações em quase dois séculos, há de se considerar que a seleção foi feita por leitores contemporâneos e até o ano de 2005, ou seja, a escolha recai sobre elementos percebidos em período recente. Não obstante esses fatos, os resultados são relevantes para a compreensão de referências urbanísticas notáveis. O aprofundamento da pesquisa também é possível com base na leitura mais abrangente das obras indicadas, até mesmo comparando autores e leitores estrangeiros com nacionais.

Como corolário geral, pode-se considerar que Manhattan permite a imaginabilidade e tem legibilidade, com elementos suficientes para a construção de identidade, estrutura e significado da cidade. Por outro lado, faz-se necessária uma associação de contexto, entendendo a época em que as obras literárias foram escritas, o significado simbólico dos componentes indicados e, até mesmo, a sua evolução histórica (origem, reformas, mudanças de uso e outras características intrínsecas). Vale frisar, ainda, a importância da via pública na percepção do espaço urbano, sobrepondo-se sobremaneira em relação a outros elementos da cidade.

Por fim, com o alcance do objetivo de analisar o contexto em que a paisagem urbana tem sido referenciada no tempo e no espaço pela memória coletiva, conclui-se pela importância de estruturar subsídios para processos de planejamento de paisagens que considerem a percepção dos cidadãos sobre os seus ambientes de vivência cotidiana ou ocasional.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) o apoio financeiro à pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Regina Maria Martins de. **Paisagem iluminada**: análise em vias representativas da memória de Curitiba, Paraná. 2013. 212 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2013.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordações**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. (Título original: *Das kulturelle gedächtnis: schrift, erinnerung und politische identität in frühen hochkulturen*. München, GE: C. H. Beck, 1999)

BRANDÃO, Pedro; CARRELO, Miguel; ÁGUAS, Sofia. **O chão da cidade** – guia de avaliação do *design* de espaço público. Lisboa: Centro Português de Design, 2002.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução de Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011. (Título original: *Mémoire et identité*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998)

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. (Trilogia A Era da Informação: economia, sociedade e cultura) (Título original: *The network society*. Cheltenham, UK; Northampton, MA, US: Edward Elgar, 1996)

CHING, Francis D. K. **Architecture: form, space, & order**. 4. ed. Nova York: Wiley, 2014.

COHEN, Randy. **Literary map of Manhattan**. 2005. Disponível em: http://www.nytimes.com/2005/06/05/books/review/05RAND01.html?_r=1. Acesso em: 31 maio 2019.

EDDINGTON, Sir Arthur Stanley. **Space, time and gravitation: an outline of general relativity theory**. Nova York: Moulton, 2013.

FORTUNA, Carlos. Las ciudades y las identidades: patrimonios, memorias y narrativas sociales. **Alteridades**, Ciudad de México: Editora de la Universidad Autonoma Metropolitana – UAM, v. 8, n. 16, p. 61-74, 1998.

GADENS, Letícia Nerone. **Paisagens vitalizadas: transformações morfológicas decorrentes de megaeventos esportivos em Barcelona, Espanha, e no Rio de Janeiro, Brasil**. 2014. 334 f. Tese (Doutorado em Gestão Urbana) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2014.

GIEDION, Sigfried. **Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição**. Tradução de Alvamar Helena Lamparelli. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2004. (Título original: *Space, time and architecture: the growth of a new tradition*. Cambridge, MA, US: Harvard University Press, 1941)

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2013. (Título original: *La mémoire collective*. Paris: Les Press Universitaires de France, 1950)

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. (Título original: *The questions of cultural identity*. In: HALL, Stuart; HELD, David; McGREW, Tony. (ed.). *Modernity and its futures*. Cambridge, UK: Polity, 1992. Chapter 6)

HARDT, Letícia Peret Antunes. Ecologia da paisagem: fundamentos à gestão do espaço urbano. **Olam Ciência e Tecnologia**, Rio Claro: Universidade Estadual Paulista – Unesp, v. 4, n. 1, p. 597-612, 2004.

HARDT, Letícia Peret Antunes. **Subsídios à avaliação da qualidade da paisagem urbana: aplicação a Curitiba, Paraná**. 2000. 323 f. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.

HARDT, Letícia Peret Antunes; HARDT, Carlos. Contexto histórico de intervenção na paisagem e espaços urbanos. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP, n. 23, p. 101-107, 2007.

HARDT, Leticia Peret Antunes; HARDT, Carlos; HARDT, Marlos. Memória e cidade: contribuições à gestão do patrimônio cultural. **Revista Confluências Culturais**, Joinville: Universidade da Região de Joinville – Univille, v. 6, n. 2, p. 35-45, set. 2017.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2012. (Título original: *The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change*. Hoboken, NJ, US: Wiley-Blackwell, 1992)

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. 7. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Núcleo de Geografia Urbana da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2006. (Título original: *La production de l'espace*. Paris: Persée, 1974)

LEITE, Fabiana Calçada de Lamare. **A morfologia urbana de Brasília como um fator influente na construção da imagem da cidade como um destino turístico**. 2009. 201 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2009.

LEITE, Fabiana Calçada de Lamare; ANJOS, Francisco Antônio dos. A aplicabilidade dos elementos da morfologia urbana como categorias da leitura da cidade: o estudo do Plano Piloto de Brasília. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS – ENG, 16., Porto Alegre, 2010. **Anais** [...]. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB, 2010. s. p.

LYNCH, Kevin Andrew. **A imagem da cidade**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. (Título original: *The image of the city*. Cambridge, MA, US: MIT Press, 1960)

MACEDO, Silvio Soares. **Paisagismo brasileiro na virada do século: 1990-2010**. São Paulo: Edusp, 2010.

MALUF, Carmem. Espaço, tempo e lugar. **Revista Pós**, São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU-USP, n. 23, p. 70-83, 2008.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Revista RA'EGA**, Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná – UFPR, n. 8, p. 83-91, 2004.

NORA, Pierre. **Pierre Nora en les lieux de mémoire**. Montevideu: Trilce, 2008.

NEW YORK TIMES – NYT. **A literary map of Manhattan**. 2005. Disponível em: http://www.nytimes.com/packages/html/books/20050605_BOOKMAP_GRAPHIC/. Acesso em: 31 maio 2019.

OLIVEIRA, Lisete Terezinha Assen de. **Rio Vermelho no seu vir-a-ser cidade**: estudo da dinâmica de organização espacial. 1992. 192 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1992.

PANERAI, Philippe. **Análise urbana**. Tradução de Francisco Leitão. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2006. (Título original: *Analyse urbaine*. Marseille: Parenthèses, 1999)

REIS, José Carlos. **História e teoria**: historicismo, modernidade, temporalidade e verdade. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2008.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. Londres: Pion, 2008.

ROIZENBLATT, Isac. **Crêterios da iluminaçãõ urbana**. 2009. 196 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009.

RYKWERT, Joseph. **The seduction of the place**: the history and the future of the city. Nova York: Vintage, 2000.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoçãõ. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008. (Coleçãõ Milton Santos)

SANTOS, Milton. **De la totalidad al lugar**. Barcelona: Oikos-tau, 1996.

SOUSA, Michelli Cristina de. **Escrita e fragmentaçãõ da identidade contemporânea**: a trilogia de Nova York de Paul Auster. 2009. 104 f. Dissertaçãõ (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2009.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiênciã. Londrina: Eduel, 2013. (Título original: *Space and place: the perspective of experience*. Minneapolis; Saint Paul, MN, US: University of Minnesota Press, 1977)

UNITED STATES CENSUS BUREAU – USCB. **Population estimates**. 2018. Disponível em: <http://www.census.gov/popest/>. Acesso em: 31 maio 2019.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. São Paulo: Contexto, 2001.